

Por uma Teoria do “Jornalismo sem Fim”

Erick Felinto

(jornalista, doutor em Letras, professor da UERJ)

Resenha do livro

Pena, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

Viver em uma época de crise e transformações constantes exige um espírito capaz de adaptação rápida e de generoso acolhimento a tudo o que é novo. No campo de estudos da comunicação, a essas exigências acrescenta-se ainda uma intuição especial para captar o que é essencial ao *espírito do tempo*. Parafraseando Pound, o pesquisador de comunicação deve, como o artista, ser uma “antena da raça”. Seu mister é traduzir em reflexão e conceito o estado da cultura no momento presente. O novo livro de Felipe Pena, *Teoria do Jornalismo*, cumpre essas demandas com doses iguais de rigor e elegância.

No frio mundo dos manuais, o trabalho de Pena se destaca como um texto vivo e pulsante. Ele é exaustivo em sua descrição do estado da arte de seu objeto, ao mesmo tempo em que claro e prazeroso no estilo da escrita. Dedicado eminentemente aos estudantes de graduação, freqüentemente sufocados nos cursos pelo eterno dilema entre teoria e prática, *Teoria do Jornalismo* se inicia precisamente com uma meditação extremamente pessoal sobre o despropósito de tal embate.

Digo “pessoal”, pois o livro de Pena comete, nesse sentido, duas heresias acadêmicas: opta por escrever em primeira pessoa e entremeia a apresentação de conceitos e teorias com referências a experiências de vida. Assim fazendo, demonstra que não existe teoria que não se radique na realidade e não existe prática que não se alimente da teoria.

Essas escolhas também refletem, em alguma medida, a sintonia do texto com o a atualidade. O livro dialoga com certa tendência recente do discurso acadêmico, em especial no mundo anglo-saxão, de reaproximar o observador do objeto observado. Trata-se de uma tendência que opta por denegar o hermetismo do tradicional jargão universitário em benefício de um texto cristalino e agradável, mas denso e original, como testemunham, por exemplo, algumas obras recentes de teóricos como Hans Ulrich Gumbrecht (*Production of Presence*, Stanford University Press, 2004) e Steven Shaviro (*Connected, or what it means to live in the Network Society*, University of

Minnesota Press, 2003). Ao mesmo tempo, essa personalidade radical da escrita denuncia, indiretamente, um dos grandes mitos do jornalismo – um mito partilhado por longo tempo com os discursos da ciência: a idéia da neutralidade do observador.

Felipe Pena recusa tal neutralidade no momento em que oferece ao leitor um breve relato do trabalho que desenvolvera como Diretor de curso e Sub-Reitor de uma grande universidade particular, antes de passar a integrar o quadro de docentes da UFF. Por meio desse relato, o leitor entende que vida e obra são inseparáveis¹, configurando um campo de experiência e reflexão que foi objeto de um estudo anterior do autor, *Teoria da Biografia sem Fim* (Mauad, 2004). Ali, Pena evocava os célebres versos de Fernando Pessoa para definir o jornalista como um fingidor. Finge acreditar no real que descreve, quando, bem no fundo, sabe que “o máximo que pode oferecer é um efeito de real” (2004: 15). No novo livro, sugere que a origem do jornalismo encontra-se no medo; medo diante do desconhecido, do devir incerto que buscamos pacificar por meio das tentativas de prevê-lo e descrevê-lo.

É pouco provável que essas afirmativas sejam acolhidas com prazer pelos jornalistas, mas a tarefa da teoria, como bem lembrava Paul de Man, é resistir (e, por outro lado, quanto mais se resiste a ela, mais ela floresce)². Para a teoria do jornalismo, a grande missão consiste, segundo Pena, em entender por que as notícias são como são e quais são os efeitos gerados por essas notícias (2005: 17). Com o objetivo de abordar essas questões – e sem a pretensão de oferecer respostas finais – o texto de *Teoria do Jornalismo* flui com leveza através de uma seqüência lógica que abarca três grandes partes: *conceitos e histórias, teorias e críticas e tendências e alternativas*. Ao final de cada subdivisão, o leitor encontra breves indicações de bibliografia complementar, material valioso para o estudante ansioso diante da escassez de estudos na área. Esse cuidado com o estudante é complementado pela excelente bibliografia comentada ao final do volume.

Sabemos que os manuais costumam sofrer por sua superficialidade e caráter lacunar. *Teoria do Jornalismo* busca evitar esses problemas – até certo ponto incontornáveis –, contemplando o mais abrangente leque possível de teorias e idéias, das tradicionais hipóteses do *gatekeeping* e da espiral do silêncio às teses da nova história e à “teoria gnóstica” do jornalismo. Assim fazendo, não deixa também de incorrer em alguns riscos, por vezes talvez excessivos. Poderíamos perguntar se é mesmo legítimo, por exemplo, propor uma *teoria gnóstica* para o jornalismo, uma vez que não existe qualquer tradição de estudos nesse sentido, e que o pensamento gnóstico, como forma de esoterismo voltado à manutenção de segredos iniciáticos, parece inteiramente avesso à missão jornalística da objetividade e da publicização dos fatos. Pena lembra oportunamente que a classe dos jornalistas (como, de resto, qualquer classe profissional) possui seus rituais, práticas iniciáticas

e hierarquias, mas cabe perguntar até que ponto é lícito comparar essa estrutura com a complexidade da organização social e dos cultos de natureza gnóstica.

Outro perigo enfrentado por um livro abrangente e aberto como o de Felipe Pena é o de situar em um mesmo patamar obras e idéias de valor desigual. Nesse sentido, alguns momentos do texto possivelmente exigiriam um olhar menos generoso e mais crítico. Se de fato, como propõe o autor, a teoria do jornalismo deve “assumir sua cientificidade”, investigando evidências e construindo “enunciados passíveis de revisão e refutação” (2005: 218), ela deve estar preparada para enfrentar as resistências à teoria, as práticas petrificadas, as idéias acabadas, as interpretações apressadas e o empirismo ingênuo. O jornalismo é apenas uma das muitas dimensões do campo da comunicação na contemporaneidade. Uma dimensão extremamente importante, não há dúvida, mas que nem por isso pode subtrair-se à revisão permanente de seus fundamentos e ao escrutínio do conceito e da teoria.

É nesse sentido que *Teoria do Jornalismo* encontra sua maior força nos momentos em que refuta idéias como a de que “os procedimentos jornalísticos constituem um saber autônomo e auto-suficiente” (ibid.). Em um trabalho de fôlego (e de paixão) como o realizado por Felipe Pena, a coragem de assumir maiores riscos é compensada pelo extremo cuidado com leitor, futuro jornalista ou pensador do jornalismo. É a esse leitor que o livro é dedicado em última instância. Felipe Pena entende que nenhuma obra ou pensamento é fruto do intelectual solitário, gênio isolado do resto do mundo em um laboratório imaginário, como o do Fausto de Goethe. Todo texto, do jornalístico ao acadêmico, é também determinado por realidades culturais e discursos socialmente partilhados. Em *Teoria do Jornalismo*, encontramos esse autor múltiplo, indefinido e “fractal”, para usar um termo caro ao jovem pesquisador. E a escritura que produz, igualmente múltipla, híbrida e acolhedora – quiçá uma teoria do “jornalismo sem fim” – constitui significativa contribuição aos estudos de comunicação em nosso meio.

201

Notas

¹ Nesse sentido, é exemplar a proposta de um livro como *Vida e Mimesis*, de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

² Cs. De Man, Paul. *A Resistência à Teoria*. Lisboa: Edições 70, 1989. p.41.

